

O SERRALHEIRO ESTUDIOSO E A COZINHEIRA DESILUDIDA

O nome do serralheiro que quase levou um esbarrão do músico Jaime Ernst Dias é Antônio Ailton de Silva. Mas não adianta insistir: os amigos só o conhecem por AILTON e é assim que ele gosta de ser chamado.

Pois então que seja. Ailton tem 45 anos e faz janelas, portões, grades e esquadrias de ferro desde os 17. "Comecei como ajudante e hoje sou um profissional. Aprendi tudo, nesse meu ofício", valoriza.

Na tarde em que cruzou com Jaime Ernest Dias, Ailton tinha acabado mais um dia de serviço. "O dono do apartamento me chamou para fazer revisão em quatro janelas e trocar outras duas", explica.

Trabalhando com pressa, o serralheiro vai levar cinco dias para cumprir o que foi acertado com o cliente. Ainda falta lixar, aparelhar e pintar todas as janelas do apartamento.

O serviço de Ailton é cansativo e perigoso. Ele trabalha no terceiro andar do bloco, sem qualquer equipamento de segurança. E não ganha muito para isso: "Quando acabar tudinho, só vou receber R\$ 90. Dá até vergonha dizer isso, rapaz."

Pior do que o salário de fazer vergonha, só mesmo a rotina de pequenos acidentes. "A solda elétrica tem uma composição de raios que prejudica a saúde da gente. Sinto muita náusea quando estou trabalhando."

Também é ruim quando uma fagulha escapa do porta-eletrodo e acerta os olhos desprotegidos. "É horrível demais. Parece que o olho está cheio de terra. Fica só lacrimejando", reclama.

Ailton não conta as vezes em que precisou ir ao hospital para cuidar dos olhos encandeados pela solda elétrica. Os médicos sempre recomendam três dias de repouso absoluto. "Mas não posso parar de trabalhar. Tiro logo o tampão e volto depressa para o batente", conta.

Ailton não mora no Plano Piloto. Vive numa chácara, em Brazlândia, com a segunda mulher e alguns dos seis filhos que botou no mundo. No final do dia, aguarda a carona do dono da serralheria, que também mora em Brazlândia e dá condução aos empregados que trabalham no Plano Piloto.

São 45 minutos de viagem, sempre sujeita a **ENGARRAFAMENTO**. Quando chegar em casa, o serralheiro ainda vai transformar cansaço em coragem para tomar um banho e sair para assistir às aulas do supletivo do 2º grau. "Passei 20 anos longe dos livros, mas agora resolvi terminar meus estudos", comemora.

Ailton quer ser desenhista industrial. Pensa em fazer curso no Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai) de Taguatinga. Mas sabe que precisa caprichar mais nas aulas de geometria. Nunca gostou muito de cálculos.

Ele vai dormir tarde da noite, mas acorda cedo, no dia seguinte. Antes das sete já está na porta da serralheria São Francisco, para retomar a rotina de solda, lixa, pinta e estuda.

Enquanto espera a carona do patrão até o Plano Piloto, Ailton abana a mão para a mulher baixinha e simpática que atravessa a rua. A mulher corresponde ao aceno, antes de abrir o quiosque onde se encontram os pratos feitos preferidos dos peões de Brazlândia.

SONHO FRUSTRADO, A PIAUIENSE SÓ PENSA EM VOLTAR PARA O ESTADO NATAL

Os pratos-feitos da dona GILDETE, vizinha da serralheria onde trabalha Ailton, são uma história à parte. A piauiense de 44 anos chegou ao setor de oficinas de **BRAZLÂNDIA** em 1977, enxotada pelo desemprego do Nordeste. Desde então, usa as mãos de fada para alimentar mecânicos, serralheiros, borracheiros, motoristas, tapeceiros e guincheiros que trabalham por ali.

É comida para um batalhão. Gildete dos Santos perde a conta dos quilos de arroz, salada, farofa, macarrão, carne de sol e feijão de corda que cozinha na boca do fogão. "Mas garanto que é tudo fresquinho. O pessoal adora meu tempero nordestino", afirma.

Gildete é viúva há nove anos. O marido — "um baiano doido e muito ignorante", como ela mesmo define — deixou três filhos pequenos. Filhos que Gildete criou com muito zelo. "A minha mais nova está terminando a escola normal. Vai ser professora", gaba-se.

A cozinheira mora de aluguel num prediozinho de tijolo furado, em frente à lanchonete. Pa-



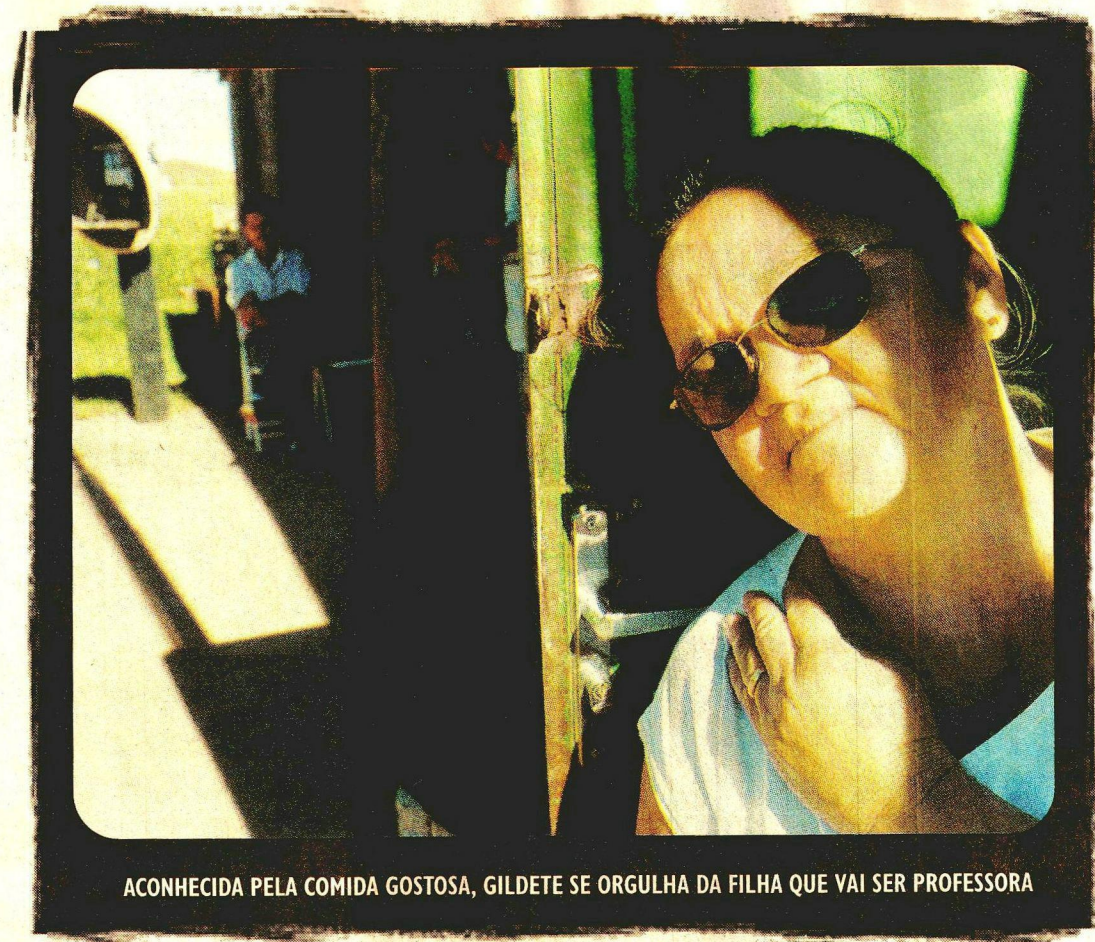
AILTON TRABALHA SEM EQUIPAMENTO DE SEGURANÇA E SOFRE OS EFEITOS DA SOLDA, QUE PREJUDICA A VISTA E DÁ NÁUSEAS

ENGARRAFAMENTO.

De carona com o patrão, Ailton vence todos os dias os 14 quilômetros da Via Estrutural, construída em 1978 para atender os moradores de Ceilândia, Taguatinga e Brazlândia. Por ali, passam diariamente 64 mil veículos, dos quais 23 mil somente nos horários de pico, quando as duas pistas da via têm sentido único, para evitar congestionamentos. Os engarrafamentos já viraram cena comum no DF e podem dobrar o tempo das viagens. Também, pudera. O Distrito Federal tem a maior frota de veículos por habitante do País: um carro para cada 2,5 morador. São 776.894 veículos em circulação. Acidentes também não são poucos. Em 2000, 430 pessoas morreram nas vias do DF, vítimas de acidentes, segundo estatística do Departamento de Trânsito do DF (Detran). Esse número, no entanto, foi 10,46% menor que em 1999, quando o trânsito fez 475 vítimas fatais.

BRAZLÂNDIA. A

menor cidade do Distrito Federal ostenta o título de maior centro produtor de morangos do Centro-Oeste e um dos cinco maiores do país. É responsável por 60% da produção de hortigranjeiros do DF. Boa parte dessa produção está concentrada nas mãos hábeis dos japoneses, instalados ali pelo presidente Juscelino Kubitschek, em 1961, quando Brazlândia deixou de fazer parte de Luziânia para pertencer ao DFA cidade tem um jeitão de interior. Olhos puxados e sotaque goiano misturam-se nos 60 mil habitantes de renda per capita de aproximadamente um salário e meio por mês. Gente que se orgulha de não ter shopping center e recebe visitantes para a Festa do Morango no campo e para a galinha caipira do Bar do Neginho, às margens do Lago Veredinha, um dos maiores atrativos da região.



ACONHECIDA PELA COMIDA GOSTOSA, GILDETE SE ORGULHA DA FILHA QUE VAI SER PROFESSORA

ga R\$ 200 pelo apartamento de dois quartos, uma cozinha, uma área de serviço e um banheiro apertado. "É muito dinheiro para quem ganha tão pouco", reclama.

O quiosque é a única fonte de renda da família. É lá que ela e os filhos almoçam e jantam todo dia. Antes de sair de casa — por volta das seis da manhã — a cozinheira lava roupa, passa pano no chão e faz lanche para a filha mais nova. Só volta para casa depois das 11 da noite, depois de lavar os pratos e talheres do quiosque.

Gildete já decidiu: quer voltar para o Piauí. "Todo mundo sabe que Brasília é só uma ilusão. A gente trabalha na esperança de ter uma vida melhor, mas não melhora nada. Aqui é só comer, dormir e trabalhar", desabafa.

Quando trocou o Nordeste pela nova cidade, a cozinheira acalentava um desejo. "Queria ter moradia própria, para criar meus filhos pequenos." Qual um bolo solado, o desejo de Gildete arruinou-se entre uma fornada e outra. "Não passo mais dois anos por aqui. É só o tempo de minha filha se formar, e eu vou embora", decidiu.

Antes de encerrar a conversa, Gildete volta os olhos para um senhor barbudo que costuma almoçar no quiosque. As barbas brancas do velho repousam cansadas sobre o peito estufado. "Se você quer falar sobre Brasília, não pode deixar de ouvir aquele homem", sugere a cozinheira.